



Revista Caracol

ISSN: 2178-1702

revista.caracol@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Favatto, Barthôn

Um “operário das palavras” em seu labirinto: a participação de Guillermo Cabrera Infante
na Revolução Cubana, memórias desde o exílio

Revista Caracol, núm. 7, enero-junio, 2014, pp. 228-253

Universidade de São Paulo

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=583766509013>

- ▶ Cómo citar el artículo
- ▶ Número completo
- ▶ Más información del artículo
- ▶ Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

Um “operário das palavras” em seu labirinto: a participação de Guillermo Cabrera Infante na Revolução Cubana, memórias desde o exílio

Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP/Campus de Assis.

Pesquisador vinculado aos grupos de pesquisa CNPq “Dimensões Culturais e Políticas do Exílio Latino-americano” e “História Visual, Artistas e Intelectuais”. Professor no curso de licenciatura em História das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos (FIG).

Contato: barthonfavatto@hotmail.com

BARTHON FAVATTO

PALAVRAS-CHAVE

Guillermo Cabrera
Infante; Revolução
Cubana; memórias;
exílio;

KEYWORDS

Guillermo Cabrera
Infante; Cuban
Revolution; memories;
exile.

RESUMEN

O artigo que o leitor carrega em mãos é um esforço de síntese crítica e de divulgação de parte dos resultados de uma pesquisa de longo fôlego, direcionada à obtenção do título de mestre pelo Departamento de História da UNESP/Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Nas páginas seguintes é apresentado e discutido o engajamento do escritor Guillermo Cabrera Infante na luta revolucionária em Cuba, ocorrida entre os anos de 1956-1959. A análise parte de uma leitura historicizada da autobiografia *Cuerpos Divinos*, publicada em 2010, cinco anos após o falecimento do autor, que viveu por quatro décadas à sombra do exílio.

ABSTRACT

The present article is a critical effort to summarize and report the results of a study, carried out in order to obtain a master's degree from the Departamento de História of UNESP/Faculdade de Ciências e Letras de Assis. On the following pages, we present and discuss the engagement of Guillermo Cabrera Infante during the revolutionary process in Cuba, which occurred between 1956 and 1959. The starting point is a historicized reading of the autobiography *Cuerpos Divinos*, published in 2010, five years after the death of the author, who had lived four decades in the exile.

INTRODUÇÃO

Em recente reflexão de Danubio Torres Fierro (2013), o escritor e crítico literário uruguai reconhece em Guillermo Cabrera Infante a genialidade de “um senhor operário das palavras”. Um autor capaz de produzir agitações, provocações, insinuações e reverberação, à moda do que os franceses conclamam de “*titillations*”, convertendo leitores em *voyeurs*. De certo, as obras de Cabrera Infante carregam essa magia; essa especificidade de envolver e apreender o consumidor literário ao texto; de jogar com as palavras, tal como um infante se apropria de um *Automatic Binding Bricks*. E, por isso, também esclarece Torres Fierro, visitar o já escrito para relê-lo, insistir no fato para prolongá-lo e esclarecê-lo, implicam, neste contexto, uma maneira de estabelecer correspondências internas numa obra que confia na recriação permanente da própria vida como matéria-prima.

De fato, o gênio Guillermo Cabrera Infante recheou não somente seu mundo, mas o Mundo, dessa matéria etérea, porém vibrante e de uma força inigualável. Brincadeira de criança que reinventa com palavras de montar a realidade, tornando-a menos amarga, o que não significa dizer menos violenta, ao passo que erige das brumas do passado, da memória, um quebra-cabeças em que se apropria da História, da qual também foi algumas vezes protagonista; em outras, coadjuvante, herói e vilão, algoz e vítima, enfim, sujeito histórico; ser humano. Trata-se de memória inventiva, sim – como lucidamente também reitera Torres Fierro. Mas, qual memória não reconstrói o tempo passado e também o presente, já que nele e por ele age a partir de suas peculiares peças e interesses? Como nos adverte Ecléa Bosi (2009, 68), o passado é um produto da memória cunhado qualitativamente pelo rememorador; em especial, se a operação do rememorar é efetuada por um sujeito mais elaborativo do que retentivo.

Essa permanente operação do recriar pelo infante, que nos recreia e adverte, não parte de um universo mental alucinado, permeado de peças

lúdicas, desencontradas, típicas da natureza de uma ferrenha peleja da psiquê – já que, em boa parte da década de 1970, à pena do exílio, o autor fora arrebatado por um profundo estado depressivo, cujo tratamento o submete a dezoito sessões de *eletroshock*. Trata-se, porém, de um universo totalizante, cujas mônadas que relampeiam constituem uma rede bem organizada de ideias e lembranças que encontram ressonância em escritos, relatos e entrevistas produzidos ou proferidos por outros intelectuais cubanos, dentro ou fora de Cuba. Principalmente, com as ideias e relatos elaborados por Carlos Franqui, amigo de Cabrera Infante desde a adolescência em “La Habana Vieja” e que no ano de 1965 também optou pela ruptura com o regime castrista.

A leitura das obras do escritor cubano quando comparada ao conteúdo de textos, relatos ou entrevistas de seus pares nos remete à ideia de que: a) há mais encontros do que desencontros nos conteúdos dessas rememorações (ou, releituras do passado); b) a permanência desses encontros indica que, uma vez em exílio, esses intelectuais constituíram uma rede de representações, compartilhando sensibilidades, interpretações e um esforço de reescrita da História recente de Cuba (em contraposição à historiografia oficial cubana ou àquela produzida por outros grupos de expatriados), cuja força motriz reverbera como um prolongamento das trajetórias cruzadas desses intelectuais quando ainda seus passos tocavam solo cubano. Ou seja, quando suas escritas exílicas sequer existiam; corroborando a noção de que essas últimas emergiram como extensões daqueles.

Diferente das trajetórias encampadas por outros autores e intelectuais dentro da Revolução Cubana, tais como, Carlos Franqui e Reinaldo Arenas, os passos revolucionários trilhados por Guillermo Cabrera Infante, por um lado, não foram tão notórios, e, por outro, certamente também por essa razão, ainda são desconhecidos para grande parcela do público leitor de suas obras – leigos ou mesmo acadêmicos. Há de se ressaltar que, para além do exposto, e, tomado o conjunto da obra, as próprias escritas exíli-

BARTHON FAVATTO

cas do autor conferem pouca ou nenhuma importância à sua participação na luta revolucionária. A não ser pela recente publicação de *Cuerpos Divinos*, cuja narrativa nos brinda com um leque de passagens sobre a sua atuação – ou, sobre sua “indiferença” frente ao momento político então vivido em Cuba, como o próprio autor faz alusão. À revelia, e, como exemplo, raros são os trechos que em *Mea Cuba* (seu escrito político mais afamado) conferem importância ou realce a seu envolvimento na luta revolucionária. Principalmente, com riqueza de detalhes. E, isso, por uma gama de razões.

É senso comum que, uma vez exilado e tarimbado pela crítica como um arauto literário do anticastrismo, Guillermo Cabrera Infante buscasse na confecção de seus livros certo cuidado na promoção de um distanciamento de sua imagem em relação ao seu passado envolvimento com a revolução, e, por conseguinte, com o regime de Fidel Castro. Uma negação ou obscurecimento – uma posição política, diga-se de passagem – compatíveis e frequentemente utilizadas no ofício do rememorar para a composição do texto final por autores cujas trajetórias são similares: no passado, de apoiadores, beneficiários ou o que quer que seja de um regime para detratores, denunciantes, etc. Um recurso estratégico que, no caso de Cabrera Infante, também correspondeu a uma natural necessidade de sustentação da imagem do grande “senhor operário das palavras”, ou seja, do notório escritor, internacionalmente reconhecido, que é edificada somente no exílio e como parte constituinte dele e a ele diretamente ligada e reforçada, e, não antes – uma vez que, ainda em Cuba, o autor gozava de restrito prestígio literário, não comportando no currículo uma obra de grande expressão.

Natural que assim fosse também, pois há de se compreender que para cada escrita há um destino e um destinatário. A própria produção literária, em especial a contemporânea, caracteriza-se pela inscrição explícita no interior do texto da imagem do destinatário, o público. E é justamente determinando o público ao qual se dirige que o escritor engajado situa sua obra política e socialmente transferindo ao leitor ideias, valores e jul-

gamentos quase sempre partilhados pelos receptores do discurso (Denis, 2002, 31). Tratando-se de escrita exílica tudo indica que esse *modus operandi* é reforçado. Edward Said (2003, 51) assegura que, para além do exílio ser uma condição ciumenta, pois nele nada é seguro, por vezes ao exilado cabe cumprir um papel ainda mais doloroso: o de ser exilado pelos próprios exilados. Sendo assim, não deixa de ser de conhecimento do público o lugar que Cabrera Infante e outros pares ocuparam na multicolorida paisagem ideológica do exílio cubano. Rechaçado pela direita, condenado por uma boa parcela da esquerda, o escritor encontra seu lugar nos “entres”. Entre a denúncia e o distanciamento; entre a crítica ácida ao regime e a condenação moral – o homem solitário consigo mesmo – de que, de certo modo, dele participou e apoiou; entre o que foi e o produto literário e político que se tornou. Enfim, entre suas picantes incursões memorialísticas por “La Habana Vieja” e seu isolamento social e criativo em “Gloucester Road”. Uma condição de nudez completa, sobre a qual descreve com maestria:

Às vezes penso que sou invisível. Acontece quando tiro meu paletó de tweed, meu pulôver de lã, minhas calças de veludo cotelê e meus sapatos de camurça, depois toda a roupa de baixo, então me olho no espelho – e não vejo nada! Serei como o estranho que chegou a uma inn, longínqua pousada inglesa, num dia de inverno, invisível de verdade? Pelo menos muita gente me faz acreditar nisso, como seu fosse uma versão plebeia do rei que desfilava nu e ninguém se atrevia a confessar o que via. Sou o contrário do rei, naturalmente. Vou vestido, mas parece que estou indo fantasiado, embora fique nu: se tiro toda a minha roupa inglesa ninguém verá nada. Serei (até o proverbial menino de cinco anos sabe disso) um exilado cubano. Existo mas não em exílio. O hábito me faz inglês, mas minha nudez me aniquila. Só sou eu graças a minha vestimenta. (Cabrera Infante, 1996, 477)

BARTHON FAVATTO

Dessa maneira, nada mais crível que em vida o escritor buscasse preservar sua imagem e a de sua escrita, procurando identificar o destino, os destinatários, e, sobretudo, distanciando ao máximo possível desses qualquer elo perdido entre sua persona e seu anterior envolvimento de qualquer ordem com a revolução e o castrismo. É o que ocorre em *Mea Cuba* (daí o trocadilho com *mea culpa*), compilação de seus escritos políticos (ensaios e artigos) publicados originalmente nas décadas de 1980 e 1990 em diversos órgãos de imprensa e revistas literárias da Europa, Estados Unidos e América Latina. Cujo objetivo, mais político do que literário, segundo palavras do autor: “surgiu da necessidade de dar coerência (ou, se preferirem, coesão)” aos seus escritos políticos (Cabrera Infante, 1996, 19), ou, em outras palavras, de levar ao público um dossiê que comporta uma bem articulada autodefesa às acusações e vitupérios que sofreu no exílio, bem como críticas sobre a Cuba de Fidel e a desnuda condição de exilado.

Já em *Cuerpos Divinos* (2010) o envolvimento do autor com a luta revolucionária vem à tona em inúmeras passagens e com riqueza de detalhes, mesmo que afirme dela então manter um distanciamento, uma indiferença. Isso porque, para além de uma materialidade destoante da lograda em *Mea Cuba*, deve-se considerar as circunstâncias em que a obra foi escrita e publicada. É certo que, realmente, Cabrera Infante era um “operário das palavras”, em todos os sentidos, uma vez que seus escritos eram confecionados, arquivados, desarquivados, reavaliados, reescritos, e, muitas vezes, novamente arquivados. Um operário aquém da idealização capitalista de um Henry Ford, mas, muito ao gosto de qualquer mestre-de-ofício da Europa da Baixa Idade Média, já que mais preocupado com caprichos e rebusques do que propriamente em diminuir os custos com tempo de produção. Assim, a versão final de *Cuerpos Divinos* – obra que utilizamos como espinha dorsal da presente análise – corresponde a uma conjunção de textos, alguns dos quais manuscritos pelo autor ainda na década de 1960, quando trabalhava como adido cultural do governo cubano em Brus-

xelas. Como endosso, além disso, o livro foi publicado após rigoroso crivo de Miriam Gómez. A viúva de Cabrera Infante se ocupou de selecionar entre uma variedade os textos que compõem a obra. Daí uma seleção terceirizada que, possivelmente, priorizou menos o atendimento do superego autoral e mais os ensejos de Miriam, da crítica e dos editores, preocupados em revitalizar a trajetória de um vigoroso intelectual, quase como um *Post-Scriptum*.

De todas as atuações de Guillermo Cabrera Infante no processo revolucionário cubano, da revolução à consolidação de Fidel Castro no poder, certamente, a mais reconhecida e publicamente exaltada pelo autor em seus livros foi à frente do suplemento cultural *Lunes de Revolución*.¹ No entanto, para além da direção do suplemento, é pouco reconhecida e citada a participação do escritor na chamada linha clandestina da revolução, fosse captando material para o Movimento Revolucionário 26 de Julho (M-26/7), capitaneando campanhas de libertação de presos políticos, abrindo as portas de sua casa para amigos perseguidos pelos policiais batistianos e, de maneira mais enfática, trabalhando para costurar alianças entre os movimentos de oposição ao regime. Isso num momento em que, apesar de crucial para o triunfo da Revolução Cubana, ainda não havia coesão entre os grupos que dela participavam, especialmente, entre os membros do *Directorio Estudantil Revolucionario* (DER) e do M-26/7.

É justamente partindo desse entendimento que se constitui o presente artigo. Utilizamos como documento principal de análise, não como fonte literária, mas histórica, *Cuerpos Divinos*. Como aporte, buscou-se contraponto com outros escritos produzidos pelo autor e por outros intelectuais cubanos, entre os quais, e principalmente, com o livro *Cuba, la Revolución*:

¹ *Lunes de Revolución* surgiu em março de 1959, poucos meses após o triunfo da revolução, como encarte do Jornal *Revolución*, porta-voz impresso do M-26/7. Publicado às segundas-feiras, daí o nome, o suplemento circulou até o ano de 1961 e contou com a colaboração de inúmeros artistas e intelectuais, de dentro e de fora de Cuba. (Cf. Miskulin, 2003)

BARTHON FAVATTO

¿Mito o Realidad? – Memorias de un Fantasma Socialista, de Carlos Franqui, bem como com a literatura especializada.

GUILLERMO CABRERA INFANTE, O LIBRE

A luta revolucionária em Cuba prolongou-se de 1956 a 1959, culminando na fuga de Fulgêncio Batista nas primeiras horas do dia 1º de janeiro para a República Dominicana, então sob o governo do ditador Rafael Trujillo. Ao longo desses anos de luta, poucos intelectuais envolveram-se desde o início com a causa revolucionária, seja em ações clandestinas, capitaneadas por grupos anti-batistianos nas principais cidades – o que era mais comum – ou em ações guerrilheiras no interior do país sob comando do M-26/7. Nesse último caso, os exemplos de envolvimento de intelectuais foram ainda menores, dadas às circunstâncias geográficas, logísticas, e, sobretudo, táticas que determinaram o desenrolar da luta revolucionária, principalmente, a partir da Sierra Maestra. Boa parcela desses intelectuais engajados na derrubada de Batista era constituída por jovens, muitos dos quais ainda anônimos ou recém-ingressados no cenário cultural cubano.

O engajamento de Guillermo Cabrera Infante em ações revolucionárias e, enfim, na própria Revolução Cubana, não ocorreu de maneira enfática, ou seja, de um modo que se possa afirmar que houve uma militância na linha de frente de algum grupo revolucionário. Em verdade, tratou-se de uma incursão voluntariosa regida sim por um sentimento de insatisfação com o regime político então vigente em Cuba e delineada pelo natural envolvimento do autor em uma rede intelectual de matriz bem diversificada, de nacionalistas a comunistas, em que muitos de seus pares – inclusive ele próprio – acabaram de algum modo vigiados ou perseguidos pela polícia de Batista.

Entre os episódios iniciais desse engajamento voluntarioso encontra-se o da “bomba que jamais explodiu”. Ocorrido no primeiro ano da luta

revolucionária, época em que o escritor trabalhava como crítico cinematográfico na Revista *Carteles*, destacado semanário cubano que circulou de 1919 até 1960, o episódio esteve diretamente ligado a Carlos Franqui e, exatamente por essa razão, acabou rememorado pelos autores em suas respectivas obras *Cuerpos Divinos* e *Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?*. Trata-se da iniciação de Carlos Franqui como aprendiz de sabotador no M-26/7 e de Guillermo Cabrera Infante como articulador e facilitador entre dois grupos revolucionários, então munidos por latentes divergências entre si. Relembra Franqui:

Mi primero acto clandestino fue la colocación de un petardo en el registro de los teléfonos del campamento militar de Columbia, en la calle 25, casi frente al instituto del El Vedado en La Habana, la noche del 30 de noviembre de 1956, en que se suponía que el yate Granma y sus 82 expedicionarios desembarcarían en la costa de Oriente, cuando las milicias del 26 de Julio, mandadas por Frank País, atacarían los cuarteles de la ciudad de Santiago de Cuba. Iba acompañado de dos compañeros, uno de buena recordación, otro de triste, no teníamos armas [...] Colocar aquel petardo imponente, como a las ocho de la noche en una calle como la 25, muy transitada no parecía fácil. Levanté con trabajo la piedra de la tapa de la alcantarilla, uno hacia que el petardo quedara suspendido en el aire, el otro encendía su tabacón y daba candela a la no muy larga mecha. Cerramos la alcantarilla, mientras los automóviles pasaban veloces muy cerca de nosotros. [...] La primera cosa que hicimos por conciencia e instrucciones recibidas fue avisarle a todos los que estaban cerca. Había allí mucha gente en los banquillos de un parque, conversando, dándose mates amorosos. “A correr, que hay una bomba”. Y se formó el corre-corre. Mientras gritábamos “¡Abajo Batista!”, desapareciamos. Fui a esconderme muy cerca de la casa de mi prima Lilia Montero [...] y allí con ansiedad esperé el estruendo del bombardeo que nunca oí. Años más tarde, después de la victoria [da Revolução] [...] oímos por la radio de la policía que estaban extrayendo un gran petardo en la famosa alcantarilla de la calle 25, que se decía habían puesto allí agentes

BARTHON FAVATTO

contrarrevolucionarios. Con gran risa, llamé al comandante Amejeiras y le conté lo ocurrido [...]. Fue aquel silencioso sabotaje uno de los tantos no ocurridos en aquellos días de nuestras primeras experiencias de sabotaje. (2006, 167)

Curiosamente, aquele petardo que nunca chegou a estourar, mas que iniciara Franqui nas atividades de sabotagem do M-26/7 foi um presente não só da engenhosidade e cumplicidade, mas também da ingênuia coragem de Guillermo Cabrera Infante, que relembra:

Un día Franqui me dijo que el grupo revolucionario de Alberto Mora, el Directorio, planeaba algo “en grande”. Cuando regresé del trabajo le pregunté a Alberto qué había de cierto en esto, los dos sentados en la cama en el cuarto de mi hermano [Sabá], y Alberto reaccionó con nerviosismo y casi con violencia. El grupo de Alberto, el Directorio Revolucionario, y el de Franqui, el 26 de Julio, luchaban encarnizadamente contra Batista, cada uno por su lado, pero no se veían mutuamente con buenos ojos. Así, cuando Franqui me encargó que le consiguiera algunos explosivos con el Directorio, ya que el 26 de Julio apenas tenía, Alberto demoró bastante en decir que sí, pero finalmente accedió. Todavía lo recuerdo pasar por delante de la casa del segundo jefe de la radio-motorizada, que vivía puerta con puerta con nosotros, una tarde, más bien una noche, y llegar a casa con su paquete de dinamita bajo el brazo, tranquilo, como si trajera libros. Recuerdo que pusimos la dinamita sobre el escaparate del cuarto de mis padres y lo nerviosa que se puso mi madre al darse cuenta de que algo traíamos Alberto y yo entre manos. Como Franqui demoraba en llegar, yo decidí llevarme la dinamita de la casa, habida cuenta del nerviosismo creciente de mi madre, y cargué con ella hasta la esquina, donde cogí un taxi para llegar a la revista. Recuerdo cómo el chofer charlaba conmigo, fumando, y de vez en cuando se daba vuelta para insistir en un punto, moviendo la mano derecha, con el cigarrillo, por encima del paquete que descansaba a mi lado. Pero llegamos a la revista sin novedad, le pagué y subí hasta la redacción sin que el guarda jurado de turno se asombrara por mi llegada ya que todos ellos estaban acostumbrados a verme llegar a deshora. Allí en la redacción esperé a Franqui, que se había demorado con su grupo que

venía a buscar la dinamita y se produjo una pequeña confusión cotidiana, pero finalmente llegó y se llevó el paquete. No recuerdo donde pusieron las bombas, pero sí sé que no resultó herido nadie en las explosiones [a primeira nunca ocorreu] y me alegré pues yo había sido instrumento en conseguir la dinamita. (2010, 47-48)

Ademais de nostálgicos, bem-humorados e complementares, os relatos supracitados também servem de bússola para uma incursão inicial na tarefa de mapear a participação de Guillermo Cabrera Infante na luta revolucionária em Cuba. Por meio deles é possível verificar que havia, naquele tempo de luta revolucionária, um tocante distanciamento entre as orientações políticas e os papéis cumpridos por Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui. Enquanto este último pertenceu à clandestinidade atuando como dirigente da composição *llano*² do M-26/7, e, ademais, à frente dos dois principais órgãos noticiosos e de propaganda da revolução, a *Radio Rebelde* e o jornal *Revolución*, Cabrera Infante não possuía vinculação com grupo algum, vindo a se aproximar do M-26/7 somente quando passou a dirigir o suplemento cultural do *Revolución*, o *Lunes*. Ou seja, quando a revolução já vitoriosa havia de modo natural transformado o 26 de Julho de protagonista a avatar histórico do processo revolucionário. Assim, se diferente de Carlos Franqui, o cidadino Cabrera Infante não atuou como *llano*, tampouco, tal como Alberto Mora, nos quadros do *Directorio*, qual coordenada podemos utilizar para situar sua atuação dentro do contexto da luta revolucionária?

Eis uma questão crepitante que diz respeito não somente à trajetória revolucionária de Cabrera Infante, como aos itinerários de outros tantos homens e mulheres que combateram com igual veemência a ditadura de

2 Referente à planície – ou ala urbana do Movimento 26 de Julho. Enquanto o *Ejército Rebelde* atuava na Sierra Maestra, o *llano* tinha como foco as operações nas cidades e congregava, principalmente, estudantes e membros da classe média cubana.

BARTHON FAVATTO

Fulgêncio Batista. A fim de respondê-la, é necessário, sobretudo, assinalar que, para além dos grupos e composições políticas, a Revolução Cubana foi um processo edificado por mulheres e homens, jovens e adultos, inexperientes ou veteranos, muitos dos quais alijados de qualquer orientação ideológica mais objetiva e/ou alheios a quaisquer vínculos políticos organizados (movimentos, sindicatos, partidos etc.). No caso da Revolução Cubana, essas pessoas eram chamadas de *libres*. E Guillermo Cabrera Infante era um *libre*. Um simpatizante e engajado na Revolução Cubana de maneira independente.

Algumas razões concorreram para o fato de Guillermo Cabrera Infante ter sido um *libre* ao invés de um militante do M-26/7, do DER, ou até mesmo do PSP. E, entre elas, nenhuma tem relação com um suposto desconhecimento dos temas ou das ideologias políticas. Pelo contrário, apesar de jamais ter atuado na linha de frente da política, Cabrera Infante sempre fora um homem extremamente politizado e tanto a sua trajetória quanto os seus escritos (anteriores ou já no exílio) comprovam isso. Ocorre que, certamente, os estreitos vínculos afetivos e familiares do autor com pessoas de variadas organizações (os pais, conhecidos comunistas; Carlos Franqui, do M-26/7; e Alberto Mora, do *Directorio*), bem como o trabalho em *Carteles*, que lhe tomava boa parte do tempo, concorreram para que o escritor optasse por não se comprometer direta e intimamente com nenhum desses grupos.

Mais além, outro fator teve peso crucial na opção do intelectual por manter certa distância em relação à militância organizada. À época, o casamento de Cabrera Infante com Mirta Calvo, cujo matrimônio durou de 1953 até 1958 e com quem teve duas filhas, Ana e Carola, já apresentava sinais de desgaste, impulsionado tanto pelo encerramento de seu afeto pela esposa quanto por sua então irrefreável admiração e compulsão pelo balancear poético de ancas e ventres femininos. Dessa maneira, afogou-se de vez em *Carteles*, cuja rotina lhe permitia nos intervalos do expediente

percorrer as *calles* de La Habana sempre atento e disposto a um encontro mais íntimo com as autoras daqueles insinuantes versos sinuosos, flutuantes e etéreos como a fumaça que flana dos *puritos*.

O COMITÊ DE PERIODISTAS E A RESISTÊNCIA AO BATISTIANATO

À medida que a Revolução Cubana ganhava corpo e os *cuerpos divinos* – uma vez recitados da cabeça aos pés, do vesso ao avesso, literalmente – em sua mente perdiam melodia, a atenção também transladava de um polo a outro, sem abandonar um eixo fundamental de sua vida: o universo do cultural, materializado tanto no trabalho desenvolvido em *Carteles*, e que perdurou por seis anos (1954-1960), quanto pela escrita de contos e a participação em grupos de discussão e difusão cultural, como, por exemplo, na Cinemateca de Cuba, fundada em 1951 por ele, Germán Puig, Ricardo Vigón, Néstor Almendros; ou nas reuniões artísticas dos intelectuais do grupo *El Jardín*, denominação do local em que se reuniam, o restaurante homônimo, onde se “*hablaba de todo menos de política y el grupo era como una suerte de desprendimiento del grupo Orígenes, en que eran jóvenes, católicos casi todos, de Acción Católica muchos, y todos interesados en el arte y la literatura*” (Cabrea Infante, 2010, 91).

Em vista de algumas de suas atividades culturais, não raras vezes tidas como subversivas, há algum tempo Guillermo Cabrera Infante era acompanhado de perto pelos agentes de censura do batistianato. Isso porque, ainda em 1952, após o *Cuartelazo*³, publicou um conto em *Bohemia* contendo *english profanities*, o que lhe rendeu, ademais da censura, uma multa, a prisão, o abandono por dois anos da *Escuela de Periodismo*, e, consequentemente, certo anonimato, somente subvertido pela adoção no ano seguinte

³ Golpe de Estado liderado por Fulgêncio Batista, em março de 1952, que interrompe o processo eleitoral e inaugura a ditadura batistiana.

BARTHON FAVATTO

do pseudônimo *G. Caín*, que logo se tornaria (a partir de 1954) uma espécie de avatar do autor em *Carteles*, fazendo-o reconhecido somente para alguns leitores e intelectuais. Nesta revista, intentou sem sucesso aplicar inovações estéticas, algumas das quais viria a implementar com liberdade e êxito em *Lunes*. Por outro lado, em 1956, ao tentar utilizar a Cinemateca de Cuba como espaço de resistência e crítica ao regime de Fulgêncio Batista, acabou por condená-la, já que o clube, espécie de coirmão da Cinemateca Francesa, e então abalado por disputas político-ideológicas entre seus membros, também se tornara alvo de censura e fora fechado.

Como *libre*, Guillermo Cabrera Infante contribuiu de diversas maneiras para com a causa revolucionária, participando de pequenas ações até alcançando voos mais ousados. Entre as ações de menor visibilidade destacam-se a venda de bônus do M-26/7, cujo dinheiro era revertido para os projetos capitaneados pelo movimento; o duplo jogo de aquisição de informações e materiais, inclusive bélicos, entre o M-26/7 e o DER, como já mencionado; o acolhimento em sua casa de amigos e desconhecidos perseguidos pelo regime; e a liberação do espaço de *Carteles* para a confecção e armazenagem de alguns exemplares do *Revolución*, bem como a participação direta na escrita e revisão de algumas publicações do periódico clandestino. Além disso, por fim, engajou-se na formação do Comitê de Periodistas que não somente articularia como também engrossaria junto a uma gama de sindicatos e outros órgãos representativos dos setores laborais cubanos um sem número de tentativas de greves e boicotes ao governo de Fulgêncio Batista, além de atuar, quando do agravamento da repressão, na libertação de jornalistas encarcerados sob a acusação de conspirarem contra a ordem, como fora o caso de Carlos Franqui, quando este esteve encarcerado na fortaleza de Castillo del Príncipe:

[...] después que nosotros, la revista [Carteles] y Bohemia y varios amigos, interviniimos con el colegio de periodistas para que lo pusieran en libertad. Se había pasado un día

escondido en casa y la noche que pasó allí la pasó despierto y mirando por entre las persianas Miami del recibidor, desconfiando de la seguridad del lugar, aunque nadie lo buscaba, ya que había sido puesto en libertad por orden del tribunal de Urgencia. (Cabrera Infante, 2010, 89)

Em agosto de 1957, quando Carlos Franqui foi libertado, ainda não havia um comitê de *periodistas* propriamente formado. No entanto, uma espécie de proto comitê, que demonstrava alguma unidade, já atuava de maneira incisiva na linha de frente contra a censura e repressão do batistianato aos jornalistas em Cuba:

El comité de huelga de periodistas no se iba a formar hasta el año de 1958, pero ahora, a mediados de 1957, había como una unanimidad antibatistiana entre los periodistas más decentes, y el secretario del colegio de periodistas era conocido por su postura antigobierno, así que la huelga podía comenzar en cualquier momento y con ella también podía empezar la represión policiaca. (Cabrera Infante, 2010, 109)

Além de Carlos Franqui, Guillermo Cabrera Infante também articulou a libertação de alguns comunistas, como no caso de Alfredo René Guillermo (ou Pedro Pérez):

Sucedía que Pedro Pérez o Alfredo René Guillermo había caído preso y le habían encontrado encima bonos del partido comunista y Cartas Semanales [periódico do PSP]. No había caído (para su suerte) con Ventura o con Carratalá (otro de los verdugos del régimen), sino en el Buró de Investigaciones. Llamé enseguida a Adriano [de Cárdenas y Espinoza], quien se puso en contacto con su suegro, que ya había regresado de Europa, y a través del ministro de Relaciones Exteriores (llamado entonces de Estado), pusieron en libertad a Alfredo René Guillermo, Pedro Pérez o como se llamase en realidad. Vino por casa a darme las gracias y se le ofreció mi casa como suya, pero declinó la invitación diciéndome que “aquí han tenido refugio demasiados terroristas” [sic]. Me quedé de

BARTHON FAVATTO

piedra picada pero respeté su opinión que no era otra que la del partido comunista, con o sin alianza con el Directorio; siempre desconfiados de los hombres de acción (no podían referirse más que a Alberto y Franqui y, más brevemente, a Joe Westbrook y su primo Carlos Figueredo), lo habían adoctrinado a darme esta respuesta. Vino, me dijo, simplemente a darme las gracias y a decirme que se iba a la Sierra, iba a unirse a las guerrillas de Las Villas. Supuse que su unión sería con el pequeño grupo comunista de Camilo Torres que operaba en Las Villas. ¡Cuál no sería mi sorpresa cuando un mes después supe que Alfredo René Guillermo o Pedro Pérez se había unido a las guerrillas del Che Guevara y ya tenía grado de teniente! (Cabrera Infante, 2010, 364-365)

Num primeiro momento, a ajuda prestada por Guillermo Cabrera Infante à libertação do comunista Alfredo René Guillermo (ou Pedro Pérez) parece contraditória para quem, ainda no início da década de 1950, como membro fundador da *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* apoiou a dissolução desta em virtude da inclinação comunista de dois de seus membros, os músicos Harold Gramatges e Juan Blanco. E, principalmente, contraditória para quem anos mais tarde, já dissidente e exilado do regime castrista, tornar-se-ia internacionalmente conhecido pela produção de uma literatura imbuída de ácidas críticas ao comunismo. Nos dois casos, ilustra-se bem que não se deve tomar a trajetória de um homem nem somente por seu produto, tampouco somente por seu passado. O que se eleva acima de tudo são as circunstâncias do momento. E, naquelas circunstâncias, na luta contra o regime de Batista, na condição de jornalista e crítico cinematográfico, de *libre*, advindo de um seio familiar reconhecidamente comunista, e envolto por um círculo tão plural de amizades, nada mais natural que aquilo que alguns hoje podem chamar de “contradição”, apresentou-se, em verdade, dentro de seu contexto específico, em tom de coerência.

É evidente que, ainda por volta dessa época, Guillermo Cabrera Infante não era um anticomunista convicto, tal como Carlos Franqui,

ex-militante do Partido Socialista Popular (posteriormente, Partido Comunista Cubano). Exemplo disso é o trecho de *Cuerpos Divinos* em que o autor destaca que, em 1957, ao ser convidado “*casi que secretamente*” por alguns de seus amigos comunistas para participar da VI edição do Festival Mundial da Juventude, realizado em Moscou, e não poder ir, acabou por enviar o irmão, Sabá Cabrera Infante (2010, 46). Parece incoerente que o mesmo Cabrera Infante que anos atrás havia – seguindo os passos de Franqui e parte do grupo *Nuestro Tiempo* – condenado a ida de Blanco e Gramatges à III edição do Festival, agora enviasse o irmão para Moscou. No entanto, deve-se recordar que, como membros da versão primordial da revista, tanto Guillermo quanto Franqui, Blanco ou Gramatges tinham de respeitar as diretrizes firmadas pelo grupo e por eles acordadas, uma das quais a de defender uma estética “*libre de prejuicios políticos o religiosos*” (*Nuestro Tiempo*, 1951). Logo, o fato de Blanco e Gramatges terem ido ao Festival Mundial da Juventude sem o consentimento do grupo e, ademais, tal como assinalou Franqui (2006, 146), representando *Nuestro Tiempo*, soou para os demais membros como uma traição. O que estava em jogo não era somente a simples aproximação de Blanco e Gramatges com o PSP, mas sim, de modo mais enfático, o não cumprimento de uma das diretrizes da revista, que, por conseguinte, implicava, naquele princípio dos anos 1950, o não envolvimento de seus membros com grupos e partidos políticos, quaisquer que fossem suas siglas ou orientações.

Outra circunstância ilustra a coerência de Guillermo Cabrera Infante. A condição de *libre* permitia ao então jornalista e crítico cinematográfico não só o contato com militantes de variadas organizações, como por elas – ou melhor, entre elas – transitar com alguma liberdade, mesmo que preservadas certas restrições. Assim, da mesma maneira que intermediou a libertação do ativista comunista Alfredo René Guillermo (ou Pedro Pérez), engajou-se junto ao colégio de periodistas no processo de soltura de Carlos Franqui. Ou ainda, do mesmo modo que conseguira os *petardos*

BARTHON FAVATTO

para o M-26/7 com Alberto Mora, do DER, também contribuiu para a luta deste último, transportando um carregamento de armas em seu automóvel (Cabrera Infante, 2010, 376). E, tal como recebia em seu nome e em *Carteles* as cartas do M-26/7 advindas da Província de Oriente – então, palco da ação guerrilheira – endereçadas para Franqui, algumas das quais, supostamente, enviadas por Fidel Castro ou Frank País, também aproximara Carlos Rafael Rodríguez (líder do PSP) do jornalista francês Jean-Loup Bourget (idem, 89).

A condição de *libre* permitia a Cabrera Infante tanto essas transições e trânsitos quanto assinalava a inexistência em seus pensamentos e ações de uma inclinação objetiva para esta ou aquela ideologia, ou mesmo, orientação de luta. Talvez porque estivesse demasiado preocupado com sua vida pessoal, amorosa, diga-se de passagem; talvez porque enxergasse nos seios desses grupos aquilo que acreditava ser mais contradições do que coerências, ou porque o seu envolvimento com pessoas de variadas organizações o colocasse numa posição um tanto delicada; ou, por fim, porque até aquele momento não carregava ressentimentos mais concretos e pontuais, como no caso de Carlos Franqui em relação ao PSP. Ou como afirmou:

Por otra parte yo nunca he servido para andar en grupos [...] mientras que mis veleidades políticas iban del partido comunista, a través de [Héctor] Pedreira y sus amigos, al Movimiento 26 de Julio, colaborando con Franqui en su periódico [Revolución] que se hacía en la revista [Carteles], y al Directorio Estudiantil Revolucionario, por intermedio de Alberto Mora. (2010, 132)

ARTICULAÇÕES SUBVERSIVAS EM LA HABANA

Até certo ponto, essa situação de indefinição, de estar e não estar de corpo e alma na luta revolucionária, causou-lhe algum incômodo. No entanto, ademais de, por volta de novembro de 1956, ter intentado fundar

com os amigos Adriano de Cárdenas y Espinoza e Silvio Rigor uma célula de combate à ditadura, que à primeira vista fora pelos três levada a sério, mas que, logo depois, apresentou-se inviável, Guillermo Cabrera Infante jamais demonstrou profundo interesse por situar-se sob esta ou aquela bandeira.⁴ A única bandeira que defendia, tal como outros tantos jovens cubanos, era a bandeira da luta contra o governo de Fulgêncio Batista, regime pelo qual alimentava profunda antipatia, tal como demonstra na passagem em que relata a visita do ditador à casa de um coronel, vizinha ao seu apartamento de El Vedado:

Me levanté enseguida y fui a ver. Efectivamente la casa de al lado estaba llena de policías en la puerta del garaje y en la acera. Me quedé a ver. Al poco rato apareció un Cadillac negro, llevando una chapa muy baja (no recuerdo si el uno o el dos) y custodiado por varias perseguidoras. Del auto bajó una figura rechoncha, conocida, vestida impecablemente de blanco: era Batista. [...] Era increíble tener a este hombre, a este tirano, tan cerca. Imaginé las posibilidades de tener acceso a las oficinas de al lado (que por el frente se interponían entre nuestra casa y la casa del coronel) y montar una ametralladora allí y esperar a la salida de Batista. Era tan simple... pero claro había que tener el conocimiento de que Batista vendría a casa del coronel ese día, cosa que probablemente muy poca gente sabía, y los contactos necesarios con los movimientos clandestinos para alerta-los ante su presencia. Pero yo estaba pensando en serio en esta posibilidad, cuando advertí que la acera se colmaba de gente, entre la que reconocí a muchos de los vecinos del fondo, donde había una cuartería o apartamentos mucho más baratos. Ellos se congregaron allí con curiosidad, cambiando palabras con la escolta del coronel (que no era conocida, al menos de vista) y esperando pacientemente. Era evidente que esperaban la salida de Batista y cuando esta se produjo empezaron a

⁴ Sobre a tentativa de formação do grupo clandestino, cf. Cabrera Infante, Guillermo. *Cuerpos Divinos*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, 129-132. Deve-se ressaltar que os nomes dos colegas apresentados pelo autor podem não conferir, uma vez que ao longo da pesquisa não encontramos uma contraprova a fim de endossá-los.

BARTHON FAVATTO

gritar: ¡Viva Batista! ¡Viva el presidente! ¡Era increíble! Esta gente del fondo ahora resultaba batistiana. Cuasi no pude contener mi rabia al ver que el tirano no sólo no era enfrentado por las balas de una ametralladora sino que era resueltamente saludado con júbilo por partidarios en grupo. (2010, 294-295)

Obviamente, o sentimento antibatistiano era comum entre os revolucionários, todavia, a condição de cada um, de cada ator histórico dentro do contexto da revolução imprimiu uma visão diferenciada sobre o transcurso do conflito. Enquanto Carlos Franqui, na condição de militante *llano* do M-26/7 e isolado pela geografia da Sierra, além de estar à frente da *Radio Rebelde*, tendeu a ressaltar tanto em suas memórias como na práxis a luta e a resistência dos clandestinos, mesmo quando em Havana a facção já havia perdido força após o fracasso da greve de abril de 1958, Guillermo Cabrera Infante, como um *libre* e residente na cidade, enfatiza justamente o contrário, apesar de não diminuir a importância que a clandestinidade *llana* impôs aos rumos da Revolução Cubana. E foi a partir da constatação de que o M-26/7 perdera força na capital após a tentativa de abril de 1958 que Cabrera Infante propôs e intermediou a união entre os membros do DER e os comunistas do PSP, a fim de engrossar a resistência ao batistianato em Havana:

Después del almuerzo, cuando Alberto [Mora] se hubo ido para su escondite de entonces y ya yo en Carteles, se me ocurrió que no sería mala idea reunir al Directorio con los comunistas, los dos únicos grupos que estaban actuando con eficacia en La Habana, ya que el 26 de Julio no era visible (al menos para mí) desde el fracaso de la huelga de abril. Consulté Adriano y él estuvo de acuerdo que era una buena idea. Quedamos que él se encargaría de contactar a los comunistas [...], mientras yo me ponía en contacto de nuevo con Alberto. [...] Se acordó que nos reuniríamos en casa de los suegros de Adriano (que andaban de vacaciones por Europa), en el Biltmore, sitio improbable para una reunión clandestina si se piensa con los criterios que lo hacia la policía de Batista. (Cabrera Infante, 2010, 354-355)

Na reunião citada por Cabrera Infante, além dele e Adriano, compareceram Alberto Mora, do DER, e Ramón Nicolau, representante do comitê central do PSP e antigo conhecido da família Cabrera Infante, já que nos anos trinta atuou como fundador do partido na cidade de Holguín. A participação de Nicolau, um militante experiente e representante do comitê central, conota que aos dirigentes do PSP interessava tal aliança. E, mais além, segundo o conteúdo da conversa, há algum tempo também lhes interessava uma aproximação com o M-26/7:

—¿También con el 26 de Julio? —preguntó Alberto un poco sardónicamente, pues era sabido cómo había repudiado el 26 de Julio la unión con los comunistas durante la fracasada huelga de abril.
[...] —También con el 26 de Julio —respondió Nicolau —. Ya hemos enviado emisarios a la Sierra a contactar a Fidel Castro directamente. (Cabrera Infante, 2010, 357-358)

O desfecho das reuniões seguintes, das quais Cabrera Infante não participou, já é de conhecimento dos historiadores. A partir de meados de 1958, a direção do PSP, que até então fiara-se na ideia de que somente um levante popular por eles liderado poderia derrotar Batista, passou, frente à perspectiva de vitória dos guerrilheiros na Sierra Maestra e após a ratificação do Pacto de Caracas, a contemplar a participação de seus quadros na luta armada, sendo Che Guevara um dos poucos comandantes a aceitar a incorporação de comunistas na coluna sob sua liderança (Bandeira, 1998, 171-172). Essa perspectiva é endossada por Cabrera Infante no excerto em que descreve sua contribuição na soltura de Alfredo René Guillermo (ou Pedro Pérez). Em virtude disso e apesar de Guillermo celebrar como inovadora a ideia, torna-se evidente que a busca por uma aproximação com outros grupos já era uma movimentação há algum tempo pensada e desejada pelos comunistas, independente da intermediação ou não de qualquer pessoa, principalmente de um *libre* como Cabrera Infante. Desse modo, a condição que lhe permitia o conforto de trânsito e uma visão mais neutra sobre o

BARTHON FAVATTO

processo também evidenciava uma deficiência: a do desconhecimento sobre os detalhes táticos que transcorriam nos recônditos de cada grupo.

Ironicamente, a contribuição política mais expressiva de Guillermo Cabrera Infante para a luta revolucionária em Cuba também não logrou êxito. No início de 1958, o jornalista foi procurado por Tomás Gutiérrez Alea (Titón), José Massó e Julito García para dirigir uma associação cívica de combate à ditadura de Fulgêncio Batista, inicialmente capitaneada por jornalistas da imprensa de oposição. Como instrumento de mobilização de massas, a ação idealizada por militantes comunistas – que à época depositavam esperanças na via pacífica – articularia a confecção de um manifesto público, recolhendo assinaturas de jornalistas e de intelectuais progressistas. Para além da coordenação, que incluía a captação de apoio no meio jornalístico, Cabrera Infante ficaria a cargo da confecção do manifesto. Para ele, tratava-se de um feliz empreendimento, uma vez que poderia conciliar a temática política, então emergente em Cuba, com o trabalho cultural, seu ramo, pois enxergava no projeto “*una forma de hacer intervenir la literatura en un hecho histórico*” (Cabrera Infante, 2010, 156). Apesar de um amplo apoio, em especial, dos jornalistas de *Carteles*, “*el destino del manifiesto [...] fue breve, ya que antes de completar un número apreciable de firmas [...] volvieron a imponer la censura de prensa y ahí acabó todo: así fue de corta mi actuación como líder político*” (ídem, 159).

O engajamento de Guillermo Cabrera Infante na luta revolucionária em Cuba transcorreu nesse molde, como *libre*, mas, ainda que breve como liderança política, aconteceu de maneira efetiva. É válido lembrar que, ao mapear a trajetória de engajamento do autor ou de qualquer outro intelectual outrora envolvido com a causa revolucionária em Cuba, deve-se assinalar que por Revolução Cubana se comprehende o período de luta e não a temporalidade posterior, demarcada pelo fomento e ascensão do regime dela decorrente. É claro que, após o triunfo da Revolução, Cabrera Infante cumpriu papéis e posicionamentos políticos mais definidos. Primeiro,

como diretor de *Lunes*, autêntica liderança do Grupo R, e até mesmo como representante do Ministério da Educação, apoiando o regime em gestação e escrevendo e publicando artigos exaltando os *ajusticiamientos* coordenados por Che Guevara em La Cabaña (Machover, 2012). Mais tarde, atuou como adido cultural, e finalmente como dissidente e exilado do castrismo.

No exílio, Guillermo Cabrera Infante passou quarenta anos (1965-2005). Um exílio sem direito a retorno, já que, à diferença de outros intelectuais latino-americanos em condições análogas (brasileiros, uruguaios, chilenos e argentinos), que por ocasião dos regimes ditatoriais de direita implantados em seus respectivos países nas décadas de sessenta, setenta e oitenta partiram para outros países, muitos cubanos não tiveram a possibilidade do reencontro com sua terra (Morejón Arnaiz, 2010, 289). Lançado à sorte do exílio – uma escolha –, e também à (má) sorte do exílio no exílio – uma tragédia –, o autor de *Tres Tristes Tigres*, *Havana para un Infante Difunto*, *Vista del amanecer en el trópico*, entre outros, jamais retornou a Cuba. Faleceu em 2005, em Londres.

Nesses anos de desterro e quase sempre perdido (ou encontrado) em seu labirinto, sua nudez, ou por seu *Automatic Binding Bricks* de memórias, o “operário das palavras” edificou um reinado literário, consagrando-se como um dos maiores escritores cubanos de todos os tempos. Um reinado, a bem da verdade, em que o rei nu desfilava entre ataques e elogios, escárnios e aplausos. Para uns, o “rei da mentira”, das injúrias contra a “meca socialista” e seu “profeta de barba e uniforme verde oliva”. Para outros, o arauto da verdade, o exorcista que desafiou o “diabo comunista”. E, finalmente, para tantos outros, o notável escritor cujas memórias sobre as aventuras e desventuras de sua vida despertavam a mais íntima sensualidade a cada balancear de palavras. Mas, em todos os casos, para o bem ou para o mal, o escritor exilado, tamanha a força que esse astro exerce sobre aqueles que estão sob sua influência.

De todo modo, o exílio libertador e algoz condenou Guillermo Cabrera Infante a outro libertador *Gullag*, o do cuidado extremado. Cuidado com seus passos, Infante! Cuidado com suas palavras, operário! Assim, o autor

BARTHON FAVATTO

viveu seus dias sempre tomando cuidado, cuidado, cuidado. O extremo cuidado de não tropeçar em seu brinquedo de montar e recriar o passado, cujas peças foram as palavras. Assumiu, sim, sua passada e arrependida ligação com o regime castrista. Mas deixou para o último ato (ou o *actos*) e, especialmente com riqueza de detalhes, a participação ativa na luta revolucionária em Cuba, rompendo um silêncio de informações detalhadas sobre sua trajetória na luta revolucionária que durante quarenta anos pairou sobre o conjunto de sua obra. Abrindo espaço para compreensão de muitos de seus posicionamentos pós-1959 frente à condução política operada pelo governo revolucionário. Ou ainda, em relação ao seu posicionamento político na plural paisagem do exílio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bandeira, L. A. Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Cabrera Infante, Guillermo. *Havana para um infante defunto*. Trad. de João Silvério Trevisan. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Mea Cuba*. Trad. de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Denis, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Trad. de Luiz Da-gobert de Aguirra Roncari. Bauru: EDUSC, 2002.

Franqui, Carlos. *Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad? – Memorias de un Fantasma Socialista*. Barcelona/México: Ediciones Península/Editorial Océano, 2006.

Luis, William. *Lunes de Revolución: literatura y cultura en los primeros años de la Revolución Cubana*. Madrid: Editorial Verbum, 2003.

Machover, Jacobo. “Guillermo Cabrera Infante y los fusilamientos”. In: *Diario de Cuba. Sección Historia*. Disponível em: <<http://www.diariodecuba.com/cultura/8817-guillermo-cabrera-infante-y-los-fusilamientos>>. Acesso em 18 de janeiro de 2012.

Miskulin, Silvia C. *Cultura Ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)*. São Paulo: Xamã, 2003.

Morejón Arnaiz, Idalia. *Política y polémica en América Latina: las revistas Casa de las Américas y Mundo Nuevo*. México, DF: Ediciones EYC, 2010.

Nuestro Tiempo. “Manifiesto”. n. 1, 1951. In: Hernández Otero, Ricardo Luis (Org.). *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo: resistencia y acción*. La Habana: Editorial Letras Cubanias, 2002.

Said, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Torres Fierro, Danubio. “Um senhor operário das palavras”. In: *O Estado de São Paulo: Seção Cultura*. Versão online. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,um-senhor-operario-da-palavra,1017708,0.htm>>. Acesso em 06 de abril de 2013.